

Helder Macedo

Pretextos para falar de *Pretextos*

Uma análise do livro, sobre o qual o JL (onde foram publicados as crónicas que o integram) já ouviu o autor – prof., ensaísta, ficcionista, poeta, que, salienta a titular da cátedra Eduardo Lourenço da Universidade de Bolonha, “insere-se ou dá continuidade à geração mais velha, que a partir das academias estrangeiras onde se encontravam, releram o cânone da literatura portuguesa e provocaram uma desestabilização do mar manso da crítica universitária dos estudos medievais, renascentistas, modernos das academias portuguesas”

MARGARIDA CALAFATE RIBEIRO

P

Pretextos é o último livro publicado por Helder Macedo (HM) na editora Caminho, sob o cuidado de Zeferino Coelho. Como nos explica o autor, *Pretextos* pretende falar-nos de uma coisa para também falar de outras; mas *Pretextos* são também as artes que o autor mobiliza para, garantidamente, conversar com os seus anónimos leitores. “Bom, está bem, leitora e leitor amigos”, diz-nos suavemente para lhe perdoarmos más disposições temporárias, ironias finíssimas, humores, críticas mordazes.

Falar-nos de uma coisa para também falar de outras, no fundo foi o que sempre fez HM, como poeta, como romancista, como ensaísta, mas de outra maneira. Recordemos, só a título de exemplo, o romance *Partes de África* para nos falar do nosso “colonialismo inocente”, ao conversar postumamente com a figura paterna; ou de Pedro e Paula, para nos falar da Revolução do 25 de Abril e do que fizemos ou não com ela, ao narrar-nos uma história de amor; ou da filha do 25 de Abril que é *Natália*, para nos falar da ditadura, da Guerra Colonial, dos exílios e das suas heranças. E que dizer dos inovadores ensaios camonianos para nos falar da nossa contemporaneidade ou dos de Garrett para nos indicar uma hipótese de democracia como “a maior felicidade possível do maior número possível”.

Pretextos é um livro de textos breves, crónicas e textos afins escritos de 2006 a 2023, todos (menos um) publicados aqui no JL,



Helder Macedo

LUCILIA MONTEIRO

na rubrica com o mesmo nome. Sabemos também, na breve explicação com que inicia o seu livro, que esta vocação literária de cronista, foi uma vocação interrompida. Na juventude, escreveu crónicas numa brevíssima carreira que não chegou a acontecer no *Notícias de Lourenço Marques*, todas censuradas pelo Estado Novo que lhe foi pesadamente contemporâneo; e depois, desta carreira interrompida que afinal não aconteceu, recomeçou em Londres, no exílio, onde fez de novo crónicas para a BBC, “Postais de Londres”, como as intitulou, dirigidas a um público português e brasileiro em que falava da Inglaterra para falar (como sempre) de Portugal.

Esta carreira radiofónica, foi de novo interrompida por uma outra

que foi a de prof. no King’s College, da Universidade de Londres, onde construiu a sua vida universitária. Como ensaísta distinguiu-se nos estudos sobre os cancionários medievais, Fernão Lopes, Sá de Miranda, Bernardim Ribeiro, Luís de Camões e todo o Renascimento, Almeida Garrett e o Romantismo, Cesário Verde, Eça de Queirós, Machado de Assis, e tantos outros autores.

NESTA LINHA, HM INSERE-SE ou dá continuidade à geração mais velha, de Luís de Sousa Rebelo, Jorge de Sena, Maria de Lourdes Belchior, Eduardo Lourenço, entre outros, que a partir das academias estrangeiras onde se encontravam, releram o cânone da literatura portuguesa e provocaram uma desestabilização do

mar manso da crítica universitária dos estudos medievais, renascentistas, modernos das academias portuguesas. E, de facto, ainda hoje, 50 anos depois do 25 de Abril de 1974, estas leituras afirmam uma diferença crítica cultural dentro da crítica universitária portuguesa.

E basta ler *Pretextos* para encontrar todos estes autores e críticos amigos, que nas suas obras ficcionais, poéticas ou ensaísticas, mas também nos congressos, nas conversas ou nas universidades centralizaram as suas reflexões em Portugal e nas suas representações, manifestando uma atitude crítica de pensamento: desconfiar, reler de novo, dizer não ou, pelo menos, propor que “não era bem assim”.

Poderíamos assim pensar – se porventura acreditássemos no autor e nas suas confissões iniciais em *Pretextos* – que teria tido de esperar pela reforma, para recuperar esta vocação de cronista. Como refere quando o questionam sobre estas várias vertentes da sua expressão pública confessa: “São facetas de mim”, explica, “sou-as todas”. Mas, acrescenta, “uma de cada vez”. Na verdade, não é bem assim pois todas estas facetas se foram nutrindo umas das outras, ou melhor, transformando-se noutras, mas sempre alimentadas pelo vício, ou pela virtude, de falar de uma coisa para falar de outra. Resumindo, uma promiscuidade de vícios e virtudes. E na verdade, como bem mostra no romance *Vícios e Virtudes*, quem é que consegue cabalmente, e em todas as situações, distinguir entre o que é um vício e o que é uma virtude?

Os textos finais são homenagens a Eduardo Lourenço e a Cesariny. É um bom modo de terminar, com personalidades que, como a do próprio autor, não têm fim. Com eles tudo recomeça, outra vez

POR ISSO A PRETEXTOS DE PRETEXTOS, “Vamos Conversar?” Este é o título de uma das crónicas que em tom jocoso fala de um senhor que parecia ter o vício de agarrar as pessoas e dizer “Vamos conversar”. O Helder faz ao contrário – será virtude? – apanha-nos pelas suas crónicas para querermos conversar com ele. O que nos atrai nesta garret-

Falar-nos de uma coisa para também falar de outras, no fundo foi o que sempre fez HM, como poeta, como romancista, como ensaísta, mas de outra maneira

tiana conversa de 500 páginas é o tom sempre irónico sem dúvida, a mestria da escrita em língua portuguesa, sem dúvida também, mas são os temas tão diversos – da infância em Moçambique e adolescência reprimida no país de Salazar e dos amigos de então, da pintura, da literatura, da música, do teatro, da ópera, da política, do quotidiano da sua vida londrina, das visitas a Portugal, das suas zangas com os políticos portugueses e em igual dose com os políticos ingleses, da política internacional e das ideologias como ideias ou como crenças, das múltiplas viagens e observações como académico e escritor a circular em ambientes de cumplicidade intelectual, de encontro, de entrevistas, de prémios e festivais; dos amigos e da amizade como um bem supremo na vida humana; da perda e do luto, da alegria e da liberdade, do amor e da morte.

E todos estes temas, abordados de uma forma simultaneamente tão acessível e tão cosmopolita convergem para um objetivo: falar de “nós”, uma espécie de um “nós” tribal que são os portugueses e Portugal, e dos nós que tecemos e em que nos envolvemos. Este é o diálogo constante com os leitores, um diálogo irónico, jocoso, mas profundamente analítico, em que nos revemos e interrogamos constantemente. E também o próprio autor em algumas crónicas se interroga sobre a sua condição de escritor português, sobre esta sua/ nossa obsessão de reflexão sobre Portugal, pensando que é por viver fora que eventualmente consegue ver melhor, ou também que por isso talvez possa ver de forma diferente ou de outra perspectiva.

São assim as crónicas de Helder Macedo, não apenas com histórias que parecem ter acontecido, mas também histórias sobre o que poderia ter acontecido. Os textos finais são homenagens a Eduardo Lourenço e a Mário Cesariny de Vasconcelos, publicados no por ocasião dos respetivos centenários. É um bom modo de terminar, em boa companhia, e com personalidades que, como a do próprio autor, não têm fim. Com eles tudo recomeça, outra vez. ■

☛ Basta atentarmos no título, *50 Anos no Mundo do Livro – Da Gestão à Investigação*, para percebermos tratar-se de uma obra de cariz biográfico e curricular. Todavia, o trabalho realizado pelo autor suplanta essa dimensão e revela-se uma ferramenta muito útil para quem trabalha no setor livreiro, ou pretende estudá-lo. Sob o mote da gestão responsável e ética, Rui Beja (RB, 1944) disponibiliza neste volume vários textos, de autoria própria e alheia, que, por si só, fazem com que constitua um contributo importante para a história da edição em Portugal.

Como exemplos, refiram-se dossiês sobre o Acordo Ortográfico, textos de figuras relevantes do setor, como Francisco José Viegas, João Rodrigues, ou José Afonso Furtado, além de um outro, intitulado “A Importância do Livro em Tempo de Mudança”, de autoria de José Saramago. No entanto, é na referida parte biográfica e curricular, em que RB recorda e sintetiza o seu percurso de cinco décadas no setor, que se encontra a principal mais-valia do livro agora publicado e o aspeto que mais mobiliza o meu interesse – e passo a explicar porquê.

Rui Beja é exemplo de uma rara e valiosa transformação profissional. Quando ingressou naquilo a que ele próprio chama mundo do livro, expressão que de resto convoca para integrar o título da obra, era um homem de um outro mundo. Licenciado em Controlo Financeiro, área que sugere figuras de chicote e dedo em riste, chegou ao Círculo de Leitores ainda antes do 25 de Abril e nunca deixou de ser um gestor de dinheiro, como se percebe pelo facto de, em outubro de 2023, a Ordem dos Economistas lhe ter atribuído o título honorífico de Economista Conselheiro.

Mas rapidamente se tornou muito mais do que um gestor financeiro e do que um gestor, em sentido amplo, como já demonstrarei. Não querendo, nem podendo, tirar a RB a responsabilidade e o mérito pelas escolhas que fez, parti para a leitura desta obra considerando a hipótese de que haviam sido os livros a levá-lo a desenvolver outros gostos, interesses, aptidões e competências. Tal possibilidade depreendia-se pelo reconhecimento social enquanto homem da cultura e da literatura, agraciado pelo Presidente da República com a Ordem de Mérito no grau de comendador e feito sócio do PEN Club Português

Rui Beja Das finanças à cultura

RUI COUCEIRO



Rui Beja De diretor financeiro do Círculo de Leitores a gestor da empresa, presidente da APEL e doutorado em Estudos Culturais

e da Associação Portuguesa de Escritores, mas também por ter complementado a sua formação de base com um mestrado em Estudos Editoriais e um doutoramento em Estudos Culturais.

E se o subtítulo desta obra a que chamou *50 Anos no Mundo do Livro* apresenta um percurso (*Da Gestão*

à *Investigação*), o título deste meu texto dedicado ao livro e ao autor fará o mesmo, dado que em RB se operou uma evolução (permito-me chamar-lhe assim) que oferece esperança. A esperança de que os tecnocratas que, amiúde, tomam conta das nossas vidas possam vir a deixar-se tocar pelo encanto do livro e da leitura, tomando finalmente consciência do contributo que o desenvolvimento cultural pode dar para o desenvolvimento socioeconómico. E o facto é que toda esta perspetiva prévia que eu tinha em relação ao livro de Rui Beja veio a ser confirmada nas páginas do mesmo pelo próprio, que refere que foi a entrada para o Círculo de Leitores, numa primeira instância para assumir a direção financeira, que lhe permitiu “descobrir a relevância do livro”. Vejamos de que modo isso se operou.

Rui Beja entrou no meio, a fim de assumir a direção financeira do Círculo de Leitores, em 1971, época de êxito fulgurante para aquele clube do livro, que conquistou 100 mil sócios em apenas dois anos. Em 1992, assumiu toda a gestão da empresa, que tinha já meio milhão de associados e um moderno

edifício, acabado de construir, e foi sob a sua liderança que foram lançados projetos importantes e bem-sucedidos, como a publicação da *História de Portugal*, de José Mattoso, ou a criação da Fundação Círculo de Leitores e do Prémio Literário José Saramago.

QUANDO CESSOU FUNÇÕES, EM 2001, talvez não esperasse regressar ao setor, como veio a acontecer poucos anos mais tarde, para um cargo de administração não executiva da Lisboa Editora e, posteriormente, de presidente da Associação Portuguesa de Editores e Livreiros (APEL). Foi nessa altura também que se tornou docente do ensino superior, na Universidade de Aveiro. Os vários desafios que, à frente da APEL, enfrentou com êxito – os maiores terão sido o Segundo Protocolo Modificativo do Acordo Ortográfico e o processo de reunificação do setor, do ponto de vista associativo, que se encontrava dividido entre APEL e UEP (União de Editores Portugueses) – antecedem o regresso aos estudos, com os já referidos mestrado em Estudos Editoriais e doutoramento em Estudos Culturais.

Quero com isto dizer que o homem que, no final do seu percurso profissional, decide voltar a estudar é já uma versão revista e ampliada do mero especialista em finanças que, no começo dos anos 1970, ingressa no setor do livro. No caso de Rui Beja, o meio fez o homem, transformando um técnico num homem da cultura. E é o próprio quem o confirma: “Progressivamente, foi-me dado constatar a importância do livro como principal divulgador de informação e conhecimento indispensáveis à liberdade de pensar e agir, entusiasmei-me a relevância da leitura como fator determinante para o desenvolvimento sociocultural.”

Tomara que todos os gestores, sobretudo os políticos, fizessem idênticos percursos e gerissem as nossas vidas com os pés no chão e as ideias lá no alto, livres, soltas, como só o investimento na cultura ajuda a conseguir. Tomara que dissessem ou escrevessem, uma vez que fosse, algo parecido com aquilo que, com seriedade, convicção e humildade, Rui Beja escreveu nesta obra e eu acabei de citar, como demonstração de que o meio fez este homem e símbolo de esperança de que possa fazer outros. ■

*Rui Couceiro é editor (da *Contraponto*) e escritor

O homem que, no final do seu percurso profissional, decide voltar a estudar é já uma versão revista e ampliada do mero especialista em finanças que ingressa no setor do livro: o meio transformou um técnico num homem da cultura